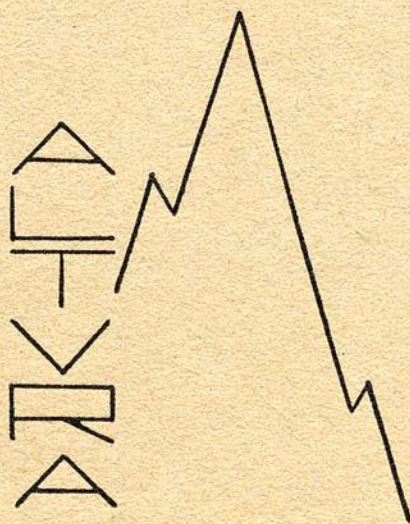


ALTURA

CADERNOS DE POESIA

1



A L T U R A

CADERNOS DE POESIA

Direcção de

MAYA VILLAÇA

A L T U R A

CADERNOS DE POESIA

I

Colaboram :

Carlos Macêdo
Duarte de Montalegre
Gomes de Andrade
Manuel Vicente
Maya Villaça
Noël de Arriaga
Silva Maya

INTERIOR

Chora o menino a quem morreu o Pai,
Porque o Pai do menino já chorou,
Naquela tarde — Há quanto tempo vai! —
Em que morreu o Avô.

— Morreste, Pai?

— Filho, morri.

— Sofreste, Pai?

— Filho, sofri.

— E ouve, Paizinho, a morte que tal é?

— Meu filho, a morte « não é ».

Chora o menino, fecham-se as janelas,
Mas em compensação
Há mais claridade nas estrêlas!

— Morreste, Pai?

— Filho, morri.

— Sofreste, Pai?

— Filho, sofri.

— E ouve, Paizinho, a morte que tal é?

— Meu filho, a morte « não é ».

Tem o menino uma expressão aflita!

Numa cadência abstrata,
Sôbre uma salva de prata,
Deitam cartões de visita
As pessoas importantes,
Pois logo naquele dia
Vieram os representantes
Da Junta de Freguezia.

São quatro horas — tão cedo!
Nem uma réstea de sol!
E o menino sente medo
De levantar o lençol!

Já duas vezes tentou,
E vai tentá-lo outra vez,
Mas consegue ver-lhe só
Como tem hirtos os pés!

Desiste, não tem coragem,
Uma invisível barragem
Não o deixa prosseguir —

Que triste Alcácer-Quibir!

Quem lhe dera expulsar aquela gente
Que apenas por vício
Vem fazer ofício
De corpo presente . . .

Por cima dos balcões,
Tantos remédios, tantas injeccões,
Tantas ventosas, tantos cataplasmas,
Ao menino parecem-lhe fastasmas!

— Morreste, Pai?
— Filho, morri.
— Sofreste, Pai?
— Filho, sofri.

— E ouve, Paizinho, a morte que tal é?
— Meu filho, a morte «não é».

NOËL DE ARRIAGA

CRESCOU A MENINA

Cresceu a menina que dentro do jardim saltava as
[cordas.

Cresceu a menina!
Cresceram-lhe os peitos,
E os peitos, crescendo,
Puseram-na tonta!

Tem o cabelo
Caído na testa,
Quási apetece
Fazer-lhe uma festa.

Cresceu a menina que dentro do jardim saltava as
[cordas!

Perdeu o bibe de riscado azul,
Teve a angústia de longos sobressaltos,
Mas passados alguns dias
Já usava tacões altos!

Cresceu a menina!
Com ela cresceram
Meninas iguais
E tôdas fugiram
De casa dos Pais . . .

Quem dantes a conhecia
Agora mal a conhece —
Tudo a enfastia e tudo lhe apetece.

Cresceu a menina que dentro do jardim saltava as
[cordas!

NOËL DE ARRIAGA

POEMA DO BEIJO COMPREENDIDO

1. PLATONISMO

Aqui tens os beijos teus
que noutra altura me deste.
Testemunha seja Deus
de que não me compreendeste!
Para que quero os teus beijos?
— Êles não me valem de nada...
São outros os meus desejos,
são outros, são, minha Amada!
Os teus beijos? — Coisa pouca!
Os teus beijos? — Nada são!
Nada vale a tua bôca.
Só vale o teu coração...

2. DRAMA

Meu Amor! Dá-me o perfume
dos teus lábios de rubim!
Num beijo, Amor, se resume
nosso desejo sem Fim...
Meu Amor! Dá-me o veludo
dos teus afagos de seda!
Em nosso amor, tudo, tudo
se resolve em labareda...
Meu Amor! Dá-me a certeza
do teu Anseio Maior!
Tuas palavras são reza
de saúde, ó meu Amor...

3. PROJECTO

Amanhã, quando chegar,
meu Amor, ao pé de ti,
longamente hei-de beijar
os teus lábios de rubi...
Quando estiver, amanhã,
junto a ti, nos meus desejos,
nos teus lábios de romã
hei-de dar milhões de beijos...
Quando, amanhã, estender
minha mão no teu regaço,
o teu beijo de Mulher
acalmará meu cansaço...

4. ANSEIO

Um dia seremos nós,
meu Amor, numa unidade!
E ouviremos a voz
meiga e doce da saúde...
Havemos de ser um dia
um só apenas, Amor!
E nessa etérea harmonia
pode vir seja o que fôr
que não há-de, não, vencer
nossos divinos desejos...
Dá-me teus lábios, Mulher!
Meu Amor! Dá-me mil beijos!...

5. ANTES QUE VENHA A MORTE

Deixa que beije os teus olhos!
Deixa que os beije, sem fim!
Mar oloroso, sem escolhos,
são teus lábios de rubim...

Deixa que beije teus lábios,
os lábios do meu Desejo.
Os teus olhos meigos... abre-os,
para que os feche num beijo!
E quando teus lábios doces
colados forem aos meus,
será como se tu fôsses,
ó meu Amor, o meu Deus!
Teus olhos deixa beijar-me
e teus lábios entender-me,
— antes que clamem alarme
as minhas ânsias de verme!...

6. NUDEZ

Deixa que te ame sem veste,
nessa nudez de ansiedade!
Meu Amor! Não me entendeste!
Meu Amor! Tenho saüdade!
Dá-me os teus seios de alvura
ao afago dos meus dedos!
Será meu gesto a futura
mensagem dos teus segredos!
Abre, Amor, aos meus anseios
O teu mundo de mistério...
Não tenhas vagos receios
Beija meu corpo! — E fere-o!

7. DESVAIRAMENTO

Abre aos meus lábios os teus
e tua bôca abre à minha!
Deixa que te ame sem véus...
Deixa que te ame, Rainha...
Deixa que o mundo eu devasse
das ancas da tua dor!

Num beijo à terra o sol dá-se...
Sejamos como êles, Amor!
Chega ao meu corpo teus seios,
meu Amor, deixa esmagá-los...
Eu bem sei que os teus anseios
querem os nossos abalos!
Meu Amor! Cinge meu peito,
de nós faz um corpo só!
— Que um dia, no mesmo leito,
lodo seremos, — e pó!...

8. CULMINAÇÃO

Olhos fechados, sem luz;
bôca cerrada, sem fala;
— só a vida nos conduz...
Amor! Não queiras pará-la!
Eu te comungo sem fim,
no mesmo anseio da hora!
Amor! Se existes em mim,
em ti existo, Senhora!...
É mais suave e mais lento
nosso Desejo Maior!
— Sou momento em teu momento...
És momento, meu Amor!...

9. ANTES DO REGRESSO

Meu Amor! Chega-te a mim!
Meu Amor! Tenho receio!
Deixa que morda o rubim
que se aninha no teu seio...
Rasga meu corpo com teus
loucos, infindos Desejos!
Cola teus lábios aos meus
na carícia de mil beijos...

Minha mão aventureira
vai desbravando segrêdos.
Meu Amor! És a primeira
mulher que sabem meu dedos!
Embalemo-nos em suave,
em suavíssima harmonia.
Meu Amor, és trilo de ave
e és a luz de meu dia...
E quando, enfim, teu suspiro
me disser que nós chegámos,
eu já não vivo, — deliro!
— Teus sonhos? Meu Amor: dá-mos!...

10. TRANSCENDÊNCIA

Mas a vida não se cinge
à hora do nosso amor...
Finalidades atinge
de uma projecção maior.
Se por acaso parasse
a vida, nesse minuto,
por mais, Amor, que te amasse,
tudo seria de luto!
É maior a nossa vida,
maior que os nossos desejos...
E por mais incompreendida
que seja a hora dos beijos
ela é bela, porque é belo
da vida o doce florir...
— E a luz do Setestrêlo
Há-de brilhar, no Porvir!

DUARTE DE MONTALEGRE

POEMA DAS TRÊS CORES

Quando os meus olhos ávidos de Luz
Fôrem luzes azuis e verdes,

Quando os meus olhos ávidos de Céu
Fôrem céus azuis e verdes,

Quando os meus olhos ávidos de Mar
Fôrem mares azuis e verdes,

Quando os meus olhos ávidos de Vida
Fôrem vidas azuis e verdes,

Quando os meus olhos ávidos de Tudo
Fôrem todos azuis e verdes,...

...Então que venha o sonho côr de rosa!

PORMENOR

Por não saber o PORQUÊ
Eu choro de nostalgia ...
... Eu choro mas ninguém vê.

Nem ninguém me entenderia!

Pois eu choro e ninguém vê
Que choro da nostalgia
De não saber o PORQUÊ.

CARLOS MACEDO

PROGRAMA

Esquecer.
Voltar ao Ser.
Subir de mim.
Quebrar o barro e a medida.
E construir a Vida
Assim...

Impaciente,
Desprezar a impaciência ;
Dorido, não aceitar a dor ;
Inteligente,
Não acreditar na inteligência :
Sentir para além disto a essência ...
E confiar no Amor.

Reduzir o pensamento.
Fazer da Vida uma golfada quente
Que vem do coração.
Ser para sempre o que sou neste momento :
Só, ao pé de tôda a gente,
Hora esbatida
Na inquietação.

Deixar o Tempo correr
Sem se importar.
O Homem só é mesquinho
Porque, ao viver,
Pôs no caminho
Um pêndulo, a oscilar ...

Ah! Se se esquecesse tudo!
Se tudo o que há em roda
Não fôsse senão a nossa própria voz,
Voz que, em silêncio, enchesse a vida tôda...
Olhar de cego, falar de mudo,
Esquecer tudo!
... E tudo é nós...

POEMA DO TEMPO CERTO

... Naquele dia certo,
Àquela certa hora...

— Que tudo seja incerto,
Quer seja longe ou perto,
Logo ou agora!

Amo? E o tempo lá está.
Rio? É a Hora marcada.
Meu Deus, onde é que há
Qualquer coisa destemporalizada?

Aflições. Atrazos. Perdas de sangue e vida.
Mil passos por minuto, por dia, por ano.
Uma hora que se ganha e outra hora perdida.
— Oh! Diabo! Já é tarde! — engano sôbre engano...

Não, nunca!

— Nunca? Outro têrmo do Tempo.

Não há remédio mais que a submissão.

A vida sintetiza-se tôda num exemplo:

Hora, minuto, segundo — e um relógio na mão!

Não me digam que dia é hoje,

Não me digam que hora é.

Não vêem que o tempo não pára e foge...

Contá-lo? Medi-lo? P'ra quê? P'ra quê?...

Deixem-me viver descronometrizado.

O dia é bom? Deixa-o correr, correr...

O calendário é só um papel rasgado

Na ânsia febril que tenho de viver!

Longe ou perto,

Logo ou agora.

Mas nunca

Naquele dia certo,

Àquela certa hora!

Esqueçam-no,

E deixem-me viver a minha sorte.

Vá, por favor, façam-me a vontade...

Irei, sem êle; depois da vida, a Morte!

Que, p'ra além da morte, fica a Eternidade!

MAYA VILLAÇA

MENINO DO ENCANTAMENTO

Fêz-me menino a fôrça do meu barro
E menino cresci ;
Depois...
Fui utopia.

Não tive ninguém, nunca.

Fui areia aberta a tôda a semente
E onde a semente não germinou.

Fui lago a espelhar tôdas as estrêlas
E onde as estrêlas não poisaram.

A vida fugiu de mim
E eu procurei a vida.

Hoje tenho a vida
E sou príncipe encantado,
Senhor de fadas e sílfides
E pastor de rebanhos de oiro
Das campinas da ilusão.

Sou menino todo poderoso
Dos sonhos do encantamento,
Das visões de neblina
À tona de todos os lagos
Do país do arroubo delirante.
A semente está em mim
E há-de vir chuva.

O chão molhado do cheiro forte
Que a terra prenhe exala
— É terra!

O menino sonhador cá de dentro
É húmus a parir flora
Quando a primavera vier.

Menino da lenda maravilhosa
Que o sol contou ao mundo
É o mundo ouviu encantado
Num estonteamento gaiato,
Eu, menino, hei-de crescer.

Menino da visão prodigiosa
Que teve a lua nas mãos
É estrêlas nos cabelos de oiro,
Menino do encantamento,
Hei-de ser homem!

GOMES DE ANDRADE

E A NOITE VOLTOU...

A noite evadiu-se
do seio da Terra
e subiu, subiu ...
e a vida fechou-se
no punho da noite;
e a tela da noite
veio encaixilhar-se
na janela aberta
do meu escritório.
A noite subiu,
negra como breu,
vindo estremunhar
meus mêdos meninos.
E eram papões,
lobos, lobishomens
e gritos e uivos
e queixas e ais!
As pernas tremeram,
morreu a vontade,
despejou-se o crâneo.
Nem rezas nem nada!
Que negror metuendo!
A noite subiu
e fechou meu corpo
num anel de mêdo
e renúncia à vida.

O sol ressurgiu
brilhando nuns olhos
castanhos profundos.

O menino crescido
que tinha nascido
na hora
do destino mau,
julgou que podia
de novo juntar
os sonhos da infância...
Julgou que podia
— que grande loucura! —
sustentar o sol
no centro do dia
quebrado e parado
à janela aberta
no seio da vida.
Julgou que podia...
...O sol descambou
nuns olhos brilhantes
e a noite voltou
mais negra que dantes.

MANUEL VICENTE

VALE SOMBRIO

Quando era negro o horizonte
tu passaste.
E a catarata de luz
caíu no vale sombrio
que só via o mesmo monte,
como se fôsse uma Cruz.

Passaste,
luz,
mas voltaste
ao vale parado e morto
que sob o mesmo horizonte
via sempre o mesmo monte
— triste gigante absorto.

Voltaste,
ficaste,
— e estás.

Não queiras saber quem fui,
nem quem é que em mim está ;
sou remorso do que fui,
saüdade do que hoje sou,
anseio do que virá.

Feliz de quem se encontrou!

Passaste,
luz,
mas voltaste ;
voltaste,
ficaste,
— e estás.

Tudo é sol.

Ah! Não te vás
do vale ressuscitado
que sob um novo horizonte
já só vê o antigo monte
como que ao longe, esfumado...

Voltaste,
ficaste,
— e estás.

E eu sei que sempre estarás.

SILVA MAYA

VISÃO

Foi um dia ao areal
E jámais a viu ninguém.
Não voltou do areal:
— Não a esperava ninguém...

SILVA MAYA

« ALTURA » — cadernos de poesia.
Composição e impressão da ENCICLO-
PÉDIA PORTUGUESA, LIMITADA, da
Rua Cândido dos Reis, 47 — Pôrto,
para a CASA DO CASTELO, EDITORA,
Largo do Castelo, 13 — Coimbra.
Fevereiro de 1945

